

VILÉM FLUSSER

Para o pensamento historicista o conceito do tempo é o de um rio. O tempo flui do passado em direção do futuro. A rigor, não há presente. O ponto no qual me encontro no fluxo do tempo já passou no instante do encontro. Não encontro presente no fluxo do tempo. Não me encontro a mim mesmo. O fluxo do tempo historicista é um contínuo desencontro comigo mesmo. Tudo flui he raclíticamente, e eu próprio sou arrastado pela correnteza de tudo e dissol vo\_me nela. O pensamento historicista é desexistencializante. O século 19, triunfo do pensamento historicista, é um século do desencontro do homem con sigo mesmo.

Para o pensamento existencial o conceito do tempo é o de uma floresta. En contro\_me numa clareira. À minha frente a densa vegetação do futuro. De meu futuro, porque meta dos meus passos, e objeto das minhas escolhas decisivas. Às minhas costas a clareira do passado. Do meu passado, porque desbravada por mim e testemunha dos meus passos. O futuro é meu, porque estou decidido de passar por ele; e o passado é meu, porque passei por ele decididamente. O futuro, a densa floresta de objetos que me barram caminho, determina as minhas veredas. Sou determinado pelo meu futuro. Mas estou determinado de aprender, compreender e manipular os meus obstáculos futuros, para passar por eles e ul trapassá\_los. Estou determinado a transformar o meu futuro em meu passado. A transformar floresta em clareira. Porque a clareira tem a marca da minha passagem pela floresta. A clareira, na qual guardo os objetos por mim derru bados, os meus "instrumentos", é o campo da minha liberdade. O passado não me determina, o passado me atesta. Estou livre no meio dos objetos por mim ultrapassados, e transformados em meus instrumentos. Este é o trajeto da minha vida: aprender, compreender e manipular objetos futuros, para transfor málos em instrumentos ultrapassados. Este é o sentido da minha vida: trans formar futuro em passado criando cultura.

Na beira da clareira na qual me encontro, na fronteira entre meu passado e meu futuro, encontro outros que estão aqui comigo. Estão presentes. Conversam comigo e eu converso com eles. Estamos em conversação, os outros e eu. A nossa conversação é o meu presente. Estando em conversação, estou no presen te. O assunto da nossa conversação, o assunto do meu presente, são os obje tos do futuro. A conversação é uma aliança entre mim e os outros contra os objetos do futuro. O meu presente é uma aliança com outros contra o futuro. Uma aliança pela qual procuramos fazer esquecer uns aos outros a única coisa futura que não pode ser aprendida, nem compreendida, nem manipulada: a morte. O presente é uma aliança com outros para esquecer a morte.

Ao aprender, compreender e manipular as coisas futuras, conheço as coisas. Ao conversar com outros reconheço\_me nos outros. Conheço as coisas como sendo os objetos do meu futuro. Reconheço os outros como sendo meus parceiros pre sentes. O meu futuro se dá pelo meu conhecimento. O meu presente se dá pe lo meu reconhecimento. O futuro se dá em clima diferente do presente. Se mudo o clima, falsifico o tempo. Se procuro aprender, compreender e manipular

VILÉM FLUSSER

os outros, os outros se ausentam. São por mim coisificados. Se procuro conhecimento dos outros, (pelas diversas antropologias), se coisifico os outros pelo meu conhecimento, perco o meu presente. Os outros passam a ser coisas do futuro. Se, pelo contrário, procuro reconhecer-me nas coisas, se desisto da tentativa de aprendê-las, compreendê-las e manipulá-las, as coisas se apresentam. São por mim antropomorfizadas. Simulam outros. Se procuro reconhecer-me nas coisas, (pelas diversas tecnologias), se antropomorfizo as coisas pelo meu reconhecimento, perco o meu futuro. As coisas passam a ser o meu presente.

Esta dupla falsificação do clima do tempo caracteriza a atualidade. Os outros, tornados manipuláveis pelo meu conhecimento, começam a ausentar-se. As coisas, tornadas simulações de outros pelo meu reconhecimento, começam a apresentar-se. Tudo começa a falsificar-se. Os outros, enquadrados em estatísticas, planejamentos e submetidos a testes, comportam-se como se fossem coisas. As coisas, como computadores, máquinas automatizadas e aparelhos administrativos, comportam-se como se fossem outros. Conheço os outros que se comportam como se fossem coisas. Reconheço as coisas que se comportam como se fossem outros. Mas tudo isto é falso. Parece que conheço os outros pelas estatísticas e pelos testes, mas na realidade ignoro tudo, já que degrado os outros ao coisificá-los. Perdi, nessa degradação, a única dimensão digna de interesse: a sua alteridade. Parece que converso ~~para~~ com coisas como computadores e aparelhos administrativos, mas na realidade não posso reconhecer-me nessas imitações nojentas e tediosas. Conferi, pelo meu reconhecimento, uma dignidade a essas coisas que não merecem. E por ter conferido essa dignidade imerecida às coisas, coisifiquei-me a mim mesmo.

Este é pois o resultado da falsificação do clima do tempo: Não posso conversar autenticamente, porque os outros se ausentam. Não tenho presente. E não posso conhecer autenticamente, porque as coisas se apresentam. Não tenho futuro. Ao coisificar os outros, destruí o meu presente. Ao ser coisificado pelas coisas perdi o meu futuro. Coisa e outro tornaram-se indistintíveis. Futuro e presente tornaram-se indistintíveis. Não posso mais encontrar-me a mim mesmo. Não tenho mais ponto de referência para o meu encontro. Num nível novo, num nível post-histórico, estou sendo expelido do tempo.

Assim é a atualidade. Mas ainda podemos reagir contra a tendência nefasta. Não pela insistência num "progresso" que tende a ausentar os outros e reconhecer as coisas. Mas pela insistência no conhecimento das coisas como coisas, e no reconhecimento dos outros como outros. Recusemos a degradação do outro em coisa, e a dignificação da coisa em outro. Para podermos fazer isto, devemos evitar tanto o racionalismo coisificante, como o irracionalismo simulador de outros. O esforço é pois tanto de intelecto como de atitude. Intelectualmente devemos elaborar novas disciplinas de conhecimento, e existencialmente devemos esboçar uma rebelião contra as coisas que nos coisificam. Assim ainda podemos evitar a ausência dos outros e a presença das coisas.